

ESTUDANDO A BÍBLIA

(HÉLIO DE ALMEIDA SANTOS)

ACASO ME TORNO VOSSO INIMIGO DIZENDO A VERDADE?
(GÁLATAS 4:16)

CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ.
(JOÃO 8: 32).

ÍNDICE:

A s s u n t o s
Aos irmãos e a quem tomar conhecimento
Base legal
I - Estudando a Bíblia
II – Interpretação da Bíblia
III – A nossa opinião
IV – Contradições bíblicas
V – A divindade de Jesus
VI – Penas eternas
VII – Existe inferno? (demônio, satã, Lúcifer,...)
VIII – A Bíblia é falível?
IX – A Septuaginta
X – A Vulgata de São Jerônimo
XI – A Reencarnação
XII – Reencarnação e a igreja católica
XIII – Reencarnação na Bíblia
XIV – Reencarnação na história
XV – Comunicação entre vivos e mortos
XVI – Outras provas de mediunidades na Bíblia
XVII – A Bíblia condena o espiritismo?
XVIII – A Bíblia não condena o espiritismo
XIX – As revisões da Bíblia
XX – Adão, Eva, Caim, Abel,...
O Padre Brune e a transcomunicação instrumental (anexo 01)
Umbanda versus espiritismo (anexo 02)
Perguntas e respostas mais frequentes (Resumo – anexo 03)
Bibliografia (anexo 04)

Caro irmão Sérgio, e a quem mais vier a tomar conhecimento do presente trabalho:

O objetivo deste é pedir-lhe ajuda no sentido de que certos pontos da Bíblia, divergentes para mim, sejam esclarecidos.

Somos alfabetizados, normais, temos liberdade de pensamento e inteligência suficiente para discernir o que lemos.

Peço-lhes, porém, que interpretem os textos no contexto em estudo, despidos de preconceitos e dogmas.

Parabéns pelo seu ponto de vista e sua convicção religiosa que devem ser respeitados e preservados.

Se estou submetendo o presente estudo a vossa superior apreciação, pedindo-lhe a ajuda necessária, é por consideração, admiração, respeito, amizade e por acreditar em sua retidão, capacidade interpretativa e análise crítica dos fatos, sempre à luz da razão.

Recordemos o que disse Jesus: “Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas vós não as podeis suportar agora” (João 16:12) e mais adiante nos promete enviar, no momento oportuno “o espírito de verdade, que testificará de mim e vos guiará em toda a verdade; ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo que vos tenho dito” (João 14:26 e 16:12-13).

Desculpem-me por trazer à baila os presentes questionamentos dos quais, muitos poderão discordar, o que é natural. Mas que para outros é chegado o tempo, com a capacidade de assimilação adquirida, de não aceitar mais a interpretação alheia sem uma análise criteriosa a respeito. A razão nos mostra o sentido exato dos textos, mas às vezes, a tradição diz que não é bem assim. Se eu ficar com a tradição e desprezar a razão, quero crer que estamos diante da fé. E aí não me é permitido analisar o artigo de fé. Cabe-me apenas silenciar e respeitar.

Mas cuidado! É cega a fé religiosa que anula a razão e se submete ao juízo dos outros, que aceita um corpo de doutrina verdadeiro ou falso, e a ele se cativa totalmente. Na sua impaciência e nos seus excessos, a fé cega recorre facilmente à perfídia, à subjugação, e conduz ao fanatismo.

Querer substituir a razão pela fé é ignorar que ambas são solidárias e inseparáveis, que se consolidam e se vivificam uma à outra. A união de ambas abre ao pensamento um campo mais vasto: harmoniza as nossas faculdades e nos traz a paz interna.

A fé precisa repousar na base sólida que lhe oferecem o livre exame e a liberdade de pensamento. Em vez de dogmas e mistérios, cumpre que ela só reconheça princípios decorrentes da observação direta, do estudo das leis naturais.

Por outro lado, a fé raciocinada é aquela que caminha lado a lado com a razão (ciência). Que enfrenta a verdade face a face em qualquer lugar e a qualquer momento.

A fé e a razão devem caminhar juntas, apoiando-se mutuamente. Quando isto acontecer, teremos um mundo melhor, pois nos amaremos e nos entenderemos mais.

Mas é estudando, discordando, buscando a melhor compreensão, discutindo o assunto de modo civilizado e acadêmico que se chega a um entendimento melhor.

A Bíblia é um conjunto de livros ideal para se ler, estudar e seguir seus bons princípios. É assim que venho percebendo as mudanças para melhor que vêm ocorrendo comigo.

Parabéns para aqueles que a estudam, entende e busca colocar em prática os bons ensinamentos nela contidos.

Rogo-lhe por caridade que se atenha aos textos pinçados das Bíblias e não se sinta contrariado (a) pelo presente trabalho, pois não é esse o nosso objetivo.

Desde já agradecemos pela santa compreensão e colaboração com os esclarecimentos necessários e pertinentes às dúvidas propostas, se assim desejar atender as minhas rogativas.

Que Deus o abençoe, ilumine seu caminho e dê-lhe muita sabedoria.

BASE LEGAL

A Constituição Federal, no artigo 5º, VI, estipula ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.

O inciso VII afirma ser assegurado, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva.

O inciso VIII do artigo 5º estipula que ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

I - ESTUDANDO A BÍBLIA

BÍBLIA:

Palavra de origem grega que significa um conjunto de livros. Em hebraico, a Bíblia é chamada de O TANÁCH (livro sagrado dos hebreus). É constituído de trinta e nove (39) livros que narram a história da trajetória do povo Hebreu em busca da Terra prometida (CANAAN).

Para nós ocidentais a Bíblia divide-se em duas partes. O Velho Testamento (antiga aliança) recebido por Moisés no Monte Sinai e o Novo Testamento (nova aliança) trazido por Jesus.

A Bíblia é o livro mais lido no Ocidente e não no Mundo, como afirmam muitos religiosos.

Seu conteúdo é moral e de certa forma, ecumênico, pois desde os textos originais até as mais recentes traduções não são encontradas citações de qualquer religião.

No Antigo Testamento se verifica o predomínio da condução do pensamento para um único Deus (monoteísmo).

No Novo Testamento, Jesus nos ensina os mais lógicos princípios do amor, da moral e do espiritualismo. Nenhuma religião é citada.

A Bíblia foi escrita originalmente na língua hebraica. Foi traduzida para o idioma grego (septuaginta) e daí para o Latim (vulgata). Depois é que foi traduzida para os vários idiomas ocidentais até chegar ao português.

Sendo um texto sagrado, por que mudou tanto desde o original até as diferentes Bíblias que temos hoje?

SERGIO VALLE, em sua obra “Silva Mello e seus mistérios”, 2ª ed., pág. 193, faz referência a J. B. LAMARCK ao dizer que “tirante os fatos, tudo o mais não passa de opinião; para o homem, somente serão verdades positivas os fatos que ele puder observar”. Muitas pessoas receiam externar uma opinião que vá de encontro com as opiniões de outrem. Por outro lado, quem tem uma opinião que lhe parece a correta, não acolhe de bom grado uma concepção diferente. Muitos se recusam mesmo a uma análise racional, como manda o progresso da ciência, quem sabe até por medo de descobrirem estar laborando em erro, por comodidade, preconceitos ou algo que justifique permanecer como está.

O certo é que novas verdades somente serão assimiladas quando os homens se emanciparem de seus erros e preconceitos. “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará (João 8:32)”.

No mundo atual, observa-se a existência de grande número de religiões e seitas que se multiplicam a cada dia.

Este fenômeno social acontece por duas razões distintas: a cultura e costumes dos povos e a idade espiritual heterogênea da humanidade. Muitos tipos de Espíritos encarnados, de diversos estágios evolutivos, habitam a Terra. Cada um vê Deus a seu modo e interpreta Sua palavra segundo o próprio entendimento. Todas as religiões que elevam moralmente o homem são boas. Aconselha-se, no entanto, que as pessoas evitem religiões onde haja deuses e rituais estranhos, sacrifícios e orientações que afastem o homem da vida e de suas ocupações sociais.

Com o inegável avanço da Ciência e da tecnologia, torna-se cada dia mais difícil as pessoas aceitarem dogmas religiosos contrários à razão.

II - INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

HERMENÊUTICA E EXEGESE:

Hermenêutica é uma palavra de origem grega que significa interpretação no sentido literal do texto. Esta maneira de estudo tem sido a mais preferida dos teólogos e, talvez por isso têm-se as ideias mais absurdas a respeito dos textos sagrados. É preciso que se busque a mensagem divina com coerência. Daí ser preciso a prática da exegese.

EXEGESE:

É o significado moral e espiritual dos textos sagrados

Tentaremos facilitar o entendimento com os seguintes exemplos:

“No princípio Deus criava as águas e a terra” (Gen. 1:1).

Entendemos seu significado facilmente pelo seu sentido literal (Hermenêutica).

“Porque reparas no cisco que está no olho de teu irmão e não percebes a trave que está no teu?” (Mt. 7 : 3)

Não é possível entender essa mensagem de forma literal (Hermenêutica), mas sim do ponto de vista da exegese quando interpretamos que enxergamos os pequenos defeitos dos outros e não vemos os nossos, às vezes, bem maiores.

Outros exemplos são as parábolas. Escritas em sentido literal, mas entendíveis somente pela exegese.

O eminente jurista DARCY AZAMBUJA, em sua obra intitulada “Teoria Geral do Estado”, 5ª Ed., págs. 285 a 287, ao conceituar OPINIÃO, ensina que “a imensa maioria das nossas ideias, atitudes, afirmativas e negativas, não são o resultado de nosso raciocínio lógico, mas sim do nosso temperamento, do nosso caráter, da nossa educação e das nossas crenças...” Ao final ele conclui que “não é pelo estudo de teologia e história das religiões que os católicos são católicos e os protestantes são protestantes – é por tradição, educação, inclinação etc.”.

III - A NOSSA OPINIÃO

Acreditamos em Deus como um ser supremo, criador de tudo que há na natureza. Acreditamos também que de tempos em tempos Ele envia seus missionários para impulsionarem o progresso dos espíritos criados por Ele, ou seja: seus filhos, que somos todos nós. Ex.:

Moisés: Por ele Deus nos mandou a lição de justiça junto com os dez mandamentos;

Jesus: Deus mandou que Ele nos ensinasse noções de paz, fraternidade e principalmente de amor.

Acreditamos ainda que Deus manda as revelações de acordo com a capacidade do homem para entender tais mensagens, conforme (Hebreus 5:13-14) e (Mc. 4:33).

Sabemos que a evolução da humanidade é constante, logo, não está estagnada e nem parou em determinada época. Ora, se a revelação é dada na medida em que o homem esteja preparado para entendê-la, e como a primeira foi com Moisés (Justiça) e tempos depois veio a segunda com Jesus trazendo a lição de amor e, considerando o que disse Jesus: “Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas vós não as podeis suportar agora” (João 16:12) e mais adiante nos promete enviar, no momento oportuno “o espírito de verdade, que testificará de mim e vos guiará em toda a verdade; ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo que vos tenho dito” (João 14:26 e 16:12-13).

Entendemos que essa promessa de Jesus foi cumprida há mais de um século com a terceira revelação que vem procurando lembrar aos homens a doutrina de amor empregada por Ele, Jesus. Com humildade, sem rituais ou práticas exteriores, seus adeptos se esforçam para levar a cada coração a mensagem de perdão e de misericórdia, conscientes de que só por meio da reforma íntima de cada ser se obterá a transformação de toda a humanidade.

A primeira revelação, com Moisés, tem os dez mandamentos como ponto de destaque. Para muitos, principalmente para aqueles de poucos conhecimentos, é uma revelação de Deus a Moisés em primeira mão. No entanto, se dermos uma olhada mais profunda na história da Índia antiga, encontraremos no livro dos vedas, antes da Bíblia, os mesmos mandamentos classificados como: Pecados do corpo (bater, matar, roubar, violar mulheres); Pecados da palavra (ser falso, mentir, injuriar); Pecados da vontade (desejar o mal, cobiçar, não ter dó dos outros).

Conforme THEODORE ROBINSON, em “Introduction de L`Histoire dês religions”, cit. Por Mário Cavalcanti de Mello em “da Bíblia aos nossos Dias”, Ed. 1972, pág. 207.

Isso não tira o caráter de revelação de Deus por meio de Moisés, sugere apenas maior reflexão e moderação para quem acha que a Bíblia é a única revelação de Deus aos homens.

Vale salientar que a Bíblia trouxe revelações divinas aos homens, mas também que outras revelações têm sido mostradas por Deus, utilizando outros meios.

A própria ciência pode ser considerada como um meio de revelações, pois nos tem mostrado com frequência novos conhecimentos que faz impulsionar o progresso da humanidade, tal qual a vontade de Deus, ensinada por Jesus.

Sendo Deus criador de todos nós, Pai de infinito amor, bondade, sabedoria, justiça, etc., iria criar pequena parte dos seus filhos como “o povo eleito de deus”, conforme se intitularam os hebreus e muitos de nossos irmãos nos dias atuais? E o restante da humanidade? Estão todos condenados ao sofrimento eterno?

É bom lembrar que os escritores da Bíblia eram todos judeus, tal qual os hebreus. Que cada leitor tire suas conclusões a respeito.

Ao examinar cuidadosamente o Antigo Testamento o leitor chegará a duas alternativas:

Ou era o próprio legislador quem, com o propósito de obter o devido respeito, atribuía à divindade todos aqueles rompantes de ferocidades contidos no A. T., ou;

Deus se fazia representar ante o povo como uma deidade tribal, conforme se infere de (Gen. 3:22) “Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal”.

O Deus, nosso pai, revelado por Cristo, que hoje adoramos, respeitamos e admiramos, etc., cujos atributos são em graus infinitos, é o mesmo descrito no Antigo Testamento?

IV - CONTRADIÇÕES BÍBLICAS

Deus é infinito em seus atributos. É perfeito e suas obras também. Como pode o Senhor Criador do Mundo arrepender-se de suas obras, de seus atos?

Pois está escrito:

(Gen. 6: 6) ”arrependeu-se o Senhor de ter feito o homem”;

(Ex. 32:14) “Então se arrependeu o Senhor do mal que dissera havia de fazer ao povo”;

(1ª Sam. 15:11 e 35) “Arrependeu-se o Senhor de haver constituído rei a Saul sobre Israel”;

(2ª Sam. 24:16) “O Senhor se arrependeu de mandar o anjo destruir os povos de Jerusalém”

(Amós 7:3) “O senhor se arrepende de mandar gafanhotos destruir a colheita”.

Encontramos também em (Deut. 10:18 e 32:4) a afirmação de que Deus é de justiça e amor. No entanto encontramos os seguintes dizeres:

(Deut. 20:13, 14 e 16) manda “passar a fio de espada todo ser que tiver fôlego”;

(Ex. 32:27) manda “passar a fio de espada seus amigos, vizinhos e irmãos”; e nesse dia mataram cerca de três mil homens (Ex.32:28);

(Ex. 32:35) “O senhor feriu aqueles que fabricaram o bezerro de ouro, menos Arão, o irmão de

Moisés”.

O paradoxo de tudo isso é que na tábua dos dez mandamentos está escrito:

5º mandamento: “não matarás”.

Com o pretexto de que o Senhor pelejava por Israel, (Jos. 10:42) Josué conquista parte da prometida Canaã “destruindo tudo que tinha fôlego” e tomando tudo para si, (Jos. 11:20 e 23); “pois o Senhor é homem de guerra”. (Ex. 15:3).

E como fica o 5º mandamento?

(Juízes 12:6) Jefté, juiz em Israel, mata 42.000 (quarenta e dois mil) efraimitas;

(Juízes 20:35) Os israelitas matam 25100 (vinte e cinco mil e cem) homens da tribo de Benjamim.

(2ª Sam. 24:15) O Senhor mandou uma peste a Israel que matou 70.000 (setenta mil homens);

(Ezeq. 4:12) “O Senhor mandou que o profeta Ezequiel comesse pão cozido sobre fezes humanas”.

E como explicar que os israelitas, 7.000 (sete mil) homens, conforme (1ª Reis 20:15) que “eram como dois rebanhos de cabras”, (1ª Reis 20:27) conseguiram ferir e matar, num só dia, 100.000 (cem mil) sírios à espada (1ª Reis 20:29) e ainda, na sequência, o muro da cidade tenha caído sobre os 27.000 (vinte e sete mil) restantes matando-os (1ª Reis 20:30).

Fazendo uma grosseira comparação entre os dois fatos, a matança dos cem mil sírios em um só dia e o ocorrido em Hiroshima e Nagasaki em 6 e 9/8/1945, vemos que a farta documentação a respeito não registrou a morte de cem mil japoneses com as mais modernas armas nucleares lançadas sobre a população de duas grandes cidades. O registro mais recente a esse respeito está na revista VEJA, edição 1848, de 07.04.2004, pág.118, onde Roberto P. de Toledo arredonda estes dados para 100000 japoneses mortos.

Só nos cabe perguntar: Será que foi mesmo o Senhor que praticou todas essas sandices?

Terá sido Ele mesmo que inspirou tudo que está escrito na Bíblia? Que cada um tire suas conclusões. De preferência à luz da razão.

Você acredita que:

O “Anjo do senhor tenha, numa só noite, exterminado 185000 (cento e oitenta e cinco mil) assírios?” (2ª Reis 19:35);

Cerca de 300 (trezentos) israelitas já cansados (Juízes 8:4), venceram os 120000 (cento e vinte mil) midianitas em guerra? (Juízes 8:10);

Alegando que 120000 (cento e vinte mil) homens poderosos da tribo de Judá, tenham abandonado o Senhor Deus de seu País, os judeus os tenham eliminado num só dia? (2ª Crônica 28:6);

Como pode, O Senhor ser evocado e ajudar a destruir 1.000.000 (um milhão, sim) de etíopes? (2ª Crônica 14 : 9 - 15).

OBS.: O absurdo é tamanho que analisando as bíblias encontramos alterações do mesmo tradutor, João Ferreira de Almeida. Em duas Bíblias traduzidas por Almeida, editadas pela sociedade bíblica do Brasil, o Cap. 14, verso 13 da II Crônicas, (1966) consta o “absurdo” transcrito acima. Já na revisão e correção de 1969 (É preciso revisar e corrigir a Bíblia?) o texto foi alterado para “caíram tantos etíopes que já não havia neles vigor algum...”

E aqui cabe mais uma pergunta: Pode o homem alterar assim “a palavra de Deus?”

V - A DIVINDADE DE JESUS

A questão da divindade de Jesus, rejeitada por três concílios, dos quais o mais importante foi o

de Antioquia (269) foi, em 325, proclamado pelo de Nicéia. Após a declaração de que Jesus era Deus, vem para encaixá-lo o dogma da Santíssima Trindade. Mas somos levados a crer, que esta trindade nada mais foi que uma cópia da base fundamental de outras religiões, bem mais antigas que o cristianismo. Podemos citar o constante do Livro “O Redentor”, de Edgard Armond, pág. 15 e 16:

Brahma, Siva e Vischnu – dos hindus

Osiris, Isis e Orus – dos egípcios

Ea, Istar e Tamus – dos babilônios

Zeus, Demétrio e Dionísio – dos gregos

Orzmud, Arimam e Mitra – dos persas

Voltan, Friga e Dinas – dos celtas.

Parece que tudo se encaixa na tradição cristã a respeito de Jesus, talvez até fosse necessário, considerando a cultura da época, torná-lo um Deus para que as pessoas pudessem acreditar mais em seus ensinamentos, entretanto, achamos que para os dias de hoje isto poderá causar mais incrédulos, por uma coisa bem simples: é que o homem moderno coloca a razão e a lógica como base para acreditar ou não em algo, e agindo assim também em relação à crença religiosa terá uma fé inabalável.

Com relação a Jesus, podemos afirmar com absoluta certeza que era um ser superior a nós humanos, sem, entretanto, chegar a ser um Deus, principalmente pelos seus ensinamentos e exemplos de vida, virtudes essas que serão o nosso passaporte para o “Reino dos Céus”, pois somente através dele é que chegaremos ao Pai, conforme suas palavras: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão através de mim”.

O Mestre nunca afirmou ser Deus, o criador. Muito pelo contrário, Ele habitualmente se intitulava “filho do Homem” cuja citação se encontra oitenta vezes nos Evangelhos, sendo (30 em Mateus, 14 em Marcos, 26 em Lucas e 10 em João). Poucas vezes Ele se disse filho de Deus. E se é filho, não pode ser o Pai. Os teólogos costumam apresentar como prova da divindade de Jesus a frase: “Eu e o Pai somos um” (João 10:30). Não sabemos o porquê de ignorar o enunciado logo adiante (João 17:11) “Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós” e também em (João 17:21) “para que também eles sejam um em nós”, referindo-se também aos seus discípulos.

Em outras passagens, Jesus se coloca na condição de subordinado a Deus, prestando-lhe obediência e cumprindo-lhe a vontade. Como sugestão deixamos as indicações seguintes para que o leitor se inteire mais do assunto:

João 4, 34: Jesus afirmou: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou a levar a cabo a sua obra"

João 5, 19: “Eu vos afirmo e esta é a verdade: o Filho nada pode fazer por si mesmo, a não ser o que vê o Pai fazer”.

João 5, 30: “Não posso fazer nada por mim mesmo. Julgo segundo o que ouço; e o meu julgamento é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”.

João 6, 37-38: “Tudo o que o Pai me dá, virá a mim e não jogarei fora o que vem a mim, porque descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”.

João 7, 28: “Se me amásseis, vos alegraríeis de que eu vá ao Pai, porque o Pai é maior do que eu”.

Nessa última passagem, é bem taxativa a superioridade do Pai sobre Jesus. Não há como contestar. Outras citações semelhantes, contidas no evangelho segundo João:

(João 5:24; 6:29; 6:44; 7:29; 8:26; 12:45; 17:3), etc.

Ao estudarmos a história do cristianismo, veremos que Jesus nunca foi considerado como Deus. Tudo começou no Concílio de Nicéia no ano de 325 com as decisões sendo obedecidas segundo a vontade do Imperador Constantino, por questões políticas, crescendo-se que ele era pagão e que só veio a ser batizado quando estava próxima a sua morte, ocorrida em 337.

No século XVIII as ideias moralizadoras da igreja ganharam mais adeptos, aumentando, com isso, as ideias antitrinitárias. As reações contra aqueles que não acreditavam na ideia trina foram as seguintes:

1575 – Foram queimados os “batistas arianos” ;
1612 – Foram queimados os últimos ingleses por motivos de fé;
1717 – Alguns pastores presbiterianos foram obrigados a decidirem entre a ortodoxia (ideia tri-
na) e o arianismo;
1813 – O Parlamento britânico extinguiu as penas contra os negadores da Santíssima Trindade.
Por último, mais recentemente, (1977), sete teólogos ingleses publicaram um livro com o título:
“O Mito do Deus encarnado”, combatendo a crença de muitos religiosos que aceitam a ideia de
que Jesus é ou foi Deus.

VI - AS PENAS ETERNAS

Deus é Amor (João 4:16)

Se Deus é amor, tudo que Ele faz, que Ele cria é com muito amor. E nós, seres humanos, fomos criados por Deus? Partindo deste princípio que entendemos ser verdadeiro, cabe perguntar: Como o Pai de infinito amor, bondade, sabedoria, justiça, etc., pode permitir que seus filhos possam arder eternamente no fogo do inferno?

(1ª Tim. 2:3 e 4) “Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade”. Ora, o que Deus quer sempre se realiza. E mais, Jesus nos ensinou a amar os nossos inimigos; a perdoar quantas vezes for necessário.

Vejam que nós, que ainda somos pequenos e imperfeitos, temos essas recomendações e muitos as praticam, imaginem nosso Pai Celestial, de infinita misericórdia, amor, bondade, etc., vai condenar suas criaturas ao fogo eterno?

Algumas contradições à ideia do sofrimento eterno:

Na primeira epístola de Pedro, Cap. 3: 18-20, está escrito que Jesus desceu ao inferno para pregar seu evangelho aos espíritos em prisão. Isso vem provar mais uma vez que não existem penas eternas, condenação perpétua no fogo do inferno, etc. Se assim fosse, o que Jesus iria fazer ali? Que nós pagamos pelos nossos erros, não tenho dúvidas. É como está na (2ª carta de Paulo aos gálatas, 6: 5-9) “Porque cada qual carregará seu próprio fardo”.

(Salmo 22:27) “Toda terra se converterá ao Senhor e todas as Nações adorarão sua face”;
(Isaias 31:34) “Por um momento te desamparei, mas tornarei a acolher-te com grande misericórdia”;
(Ezeq. 33:11) “... não quero a morte do ímpio, mas que ele se converta e viva”;
(Miquéias 7:18) “O Senhor não retém sua ira para sempre porque tem prazer na misericórdia”;
(Joel 2:32 e Rom 10:13) “Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo”;
(Mt 18:14) “Não é da vontade do Pai que nenhum destes pequeninos se perca”;
(Salmo 103: 8-9) “O Senhor é misericordioso, compassivo e benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira”.

Queremos lembrar que Jerônimo, o mesmo que antes de traduzir a Bíblia por ordem do Papa Dâmaso I, mandou-lhe uma carta afirmando que era impossível dizer a verdade de fatos descontraídos, disse ele: “Muitos sustentam que os tormentos terão um fim, mas no momento isso deve ser dito àqueles para os quais o temor é útil, a fim de que, pelo terror dos suplícios, parem de pecar. (“Obras de S. Jerônimo”, Ed. Bened. Vol III. Pág. 514).

“Deus quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade” (1ª Paulo 2:4).

“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo a salvação a todos os homens” (1ª Paulo

2:11).

“e toda carne verá a salvação de Deus” (Lucas 3;6).

“A vontade de Deus está aí expressa. Será que a vontade de Deus não é soberana? Se Ele quer, consequentemente Ele conseguirá. Deus fez o mundo e todo o universo por ato de sua vontade. Bastou Ele querer e tudo se fez. Então, se Ele quer que todos os homens se salvem, não é uma frase solta do Antigo Testamento que vai mudar essa soberana vontade”.

Jesus ao dizer:

(Mt. 5: 26) “daí não sairá, enquanto não pagar até o último centavo” ;

(Mt 18:34) “O patrão indignou-se, e mandou entregar esse empregado aos torturadores, até que pagasse toda a sua dívida”. Ora, isso deixa claro que até pagar a dívida ou o último centavo seria o tempo necessário em que o devedor ficaria preso ou entregue aos torturadores, não mais que isso, abolindo, portanto, a ideia das penas eternas e do inferno eterno.

Um fato histórico importante foi que durante a longa residência na Pérsia, os judeus travaram conhecimento com um novo sistema religioso, o zoroastrismo, Religião dos Persas e Medos que se caracterizava pela consagração divina das forças naturais. Os persas seguiam um grande mestre de nome Zaratustra, ou Zoroastro. Fundamentava, o zoroastrismo, o triunfo do bem sobre o mal.

“Zoroastro considerava que o deus do Bem, Ormuzd, estava sempre em guerra com o deus do mal - Ariman. Ora, isto era uma ideia nova para a maior parte dos judeus”.

“Até então haviam os judeus, reconhecido um Senhor único, ao qual deram o nome de Jeová. Quando as coisas corriam mal, quando eram derrotados nas batalhas, etc., invariavelmente atribuíam o desastre à falta de devoção do povo”.

A ideia de que o pecado proviesse da interferência de um espírito do mal, nunca lhes ocorrera.

“A própria serpente no Paraíso parecia-lhes menos culpada que Adão e Eva, os quais conscientemente haviam desobedecido a vontade divina”.

“Sob a influência das doutrinas de Zaratustra, os judeus começaram a crer na existência de um espírito que procurava desfazer a obra de Jeová. E a esse adversário deram o nome de Satã”.

“Passaram a odiá-lo e temê-lo, e no ano 331 A.C. convenceram-se de que Satã andava pela terra”.

(Veja mais sobre o zoroastrismo no Cap. Seguinte).

VII - EXISTE INFERNOS?

O inferno – tido como lugar subterrâneo para onde vão as almas dos mortos – não ficou somente na mitologia. Invadiu várias religiões desde a antiguidade até os nossos dias. A influência continua tão intensa, que mesmo não pertencendo a uma religião, faz-se uso desse conceito para expressar as mais diversas situações do nosso dia-a-dia.

Na mitologia grega, após a vitória do Olimpo sobre os titãs, foi feita a partilha do universo entre os três irmãos, filhos de Cronos e Réia. A Zeus coube o Céu; a Poseidon, o Mar; a Hades, o tártaro.

Na tradição cristã, a conjunção luz-treva simboliza os dois opostos: Céu e o inferno.

Os pagãos antigos concebiam o tártaro como um lugar de suplício para as almas errantes da terra. Plutão era o administrador-chefe daquele local e de seus sofredores.

Ele não se comprazia com o suplício alheio e nem saía a fazer tentações para arregimentar pessoas para aumentar sua população de miseráveis, a respeito do que fazia ou faz o lendário satã. Vê-se que os pagãos dessa época não tinham a ideia do inferno, criada tempos depois pelos cristãos nos moldes atuais.

Paulo Alves Godoy, em sua obra intitulada “O Evangelho Pede Licença”, 2ª edição, 1990, pág. 235-236, nos mostra que nas circunvizinhanças de Jerusalém, mais especificamente ao sul da cidade, existia um buraco, vale ou um abismo provocado pela erosão das chuvas, denominado Geena, onde se jogavam os detritos (lixo) recolhidos da cidade e também os cadáveres de animais e de indigentes encontrados nas ruas e estradas próximas.

Era um local terrível onde o fogo, a exemplo do fogo de monturo, ardia incessantemente e os vermes corroíam os corpos em decomposição.

Com o objetivo de propiciar aos homens da época uma visão de local de sofrimento, Jesus disse, como simbolismo da Geena: “onde o bicho não morre, mas corrói incessantemente, e o fogo jamais se extingue”. Daí, para o homem formar uma ideia de inferno, não demorou muito. Arquitetou-se um império de trevas e elegeram belzebu, Lúcifer, diabo ou o demônio e importou-se do zoroastrismo a figura lendária de satã ou satanás como o seu chefe terrível.

E rapidamente a Geena, que de um simples buraco, vale ou precipício, passou à condição de inferno. Esse inferno dos cristãos era muito mais terrível do que o tártaro dos pagãos. Para os cristãos, satã saía (ou sai) a perseguir as pessoas, induzindo-as ao erro para aumentar cada vez mais a sua população de sofredores, enquanto que plutão apenas administrava o tártaro e seus aflitos.

O autor nos conta ainda que São Thomaz de Aquino, afirmou que os anjos contemplavam o sofrimento terrível dos condenados nos caldeirões de óleo ferventes, repletos de alegrias e rendendo graças ao Senhor por sua própria felicidade.

Sobre essa questão de inferno, recorreremos ao Dr. Severino C. da Silva, que nos traz:

“Satanás”

“Satanás é uma figura muito controvertida na Bíblia. A palavra ‘Satã’ significa também acusador, adversário, etc.”.

“Aparece, pela primeira vez no livro de Jó. A sua intimidade com Deus e o direito de entrar no ‘Céu’, de ir e vir livremente e dialogar com Ele torna-o uma figura de muito destaque. Veja o livro de Jó 1:6 ‘Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, veio também Satanás entre eles’”.

“O livro de Jó foi escrito depois do Exílio Babilônico. Sabemos que o povo judeu tendo retornado a Israel com a permissão de Ciro, rei persa, no ano de 538 A.C., assimilou muitos costumes dos persas. Isso ocorreu devido à simpatia e apoio que receberam do rei, que inclusive permitiu a construção do Segundo Templo judaico e ainda devolveu muitos de seus tesouros, que haviam sido roubados”.

“A religião dos persas, o Zoroastrismo, influenciou sobremaneira o judaísmo”.

“No Zoroastrismo, existe o Deus supremo ‘Ahura-Mazda’ que sofre a oposição de uma outra força poderosa, conhecida como ‘Ahriman’, ‘o espírito mau’. Desde o começo da existência, esses dois espíritos antagônicos têm-se combatido mutuamente”.

“O Zoroastrismo foi uma das mais antigas religiões a ensinar o triunfo final do bem sobre o mal. “E foi do Zoroastrismo que os judeus aprenderam a crença em um ‘Ahriman’, um diabo pessoal, que, em hebraico, eles chamaram de ‘Satanás’. Por isso, o seu aparecimento na Bíblia só ocorre no livro de Jó e nos outros livros escritos após o exílio Babilônico, do ano de 538 A.C. para cá. Nestes livros, já aparece a influência do Zoroastrismo persa. Observe ainda que a tentação de Adão e Eva é feita pela serpente e não por Satanás, demonstrando assim, que o escritor do Gênesis não conhecia a ideia de Satanás. “Assim, está evidenciado que Satanás não é um conceito original da Bíblia, e sim, introduzido nela, a partir do Zoroastrismo Persa”. “E assim, a Bíblia continua sendo alterada pela vontade do homem”.

“Demônios”

“A palavra demônio não implica na ideia de Espírito mau senão na sua significação moderna, porque a palavra grega ‘daimon’, da qual se origina, significa, ‘Deus’, ‘poder divino’, ‘gênio’,

‘inteligência’, e se emprega para designar os seres incorpóreos, sem distinção”. Sócrates já dizia que ouvia o seu “daimon” nas orientações”. Demônio não é o mesmo que satanás.

“Segundo a significação vulgar, a palavra ‘demônios’ significa seres essencialmente malfazejos e seriam, como todas as coisas, criação de Deus. Ora, Deus que é soberanamente justo e bom não pode ter criado seres predispostos ao mal por sua natureza e condenados por toda a eternidade. Se não são obras de Deus, seriam, pois, como Ele, de toda a eternidade, ou então haveria várias potências soberanas”.

“Compreende-se que, na crença dos povos antigos e atrasados, que não conheciam os atributos de Deus, fossem admitidas as divindades malfazejas, como também os demônios, mas, é ilógico e contraditório, para aqueles que fazem da bondade de Deus um atributo por excelência, suporem que Ele possa ter criado seres devotados ao mal e destinados a praticá-lo perpetuamente. Isso seria uma negação da bondade divina”.

Demônio, por uma questão de semântica, derivou-se da palavra daimon, pois desde o séc. 5º a.C. Sócrates já fazia referências ao seu protetor e orientador, o bom daimon. A ideia de satanás surgiu, como vimos, após a influência sofrida pelos judeus em seus contactos com os persas e o zoroastrismo, por volta de 538 a.C..

Provado está que Jesus nunca expulsou satanás. Vejam:

Eis que eu expulso demônios, e efeto curas, hoje e amanhã, e no terceiro dia sou consumado (Lucas 13.32).

E, expulso o demônio, falou o mudo; e a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca tal se viu em Israel. (Mt 9.33).

Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus. (Mt 12.28).

As passagens colocadas provam exatamente que Jesus não expulsou satanás de ninguém, pois isto não existe, apenas demônios, que nada mais são que espíritos impuros no momento, embrutecidos, mas que são todas criaturas de Deus, a caminho da evolução, tal qual nós, seus irmãos um pouquinho mais evoluídos.

“Lúcifer”

“Do latim, lux, fero= que traz luz, que dá claridade, luminoso”.

“O versículo 12 do capítulo 14 de Isaías deu origem à palavra Lúcifer quando da tradução da Vulgata. Alguns teólogos citam ainda Ezequiel 37: 2-11, como referentes a ele. No entanto, nos textos da Bíblia hebraica e grega, esta palavra (Lúcifer) não aparece. Acompanhamos as diversas traduções”:

Tradução correta:

“Como caíste dos céus, estrela filha da manhã. Foste atirada na terra como vencedora das nações”.

“Veja o versículo no latim, onde São Jerônimo coloca a palavra Lúcifer: ‘quomodo cecidisti de caelo LUCIFER (astro brilhante, ou luz matutina) qui mane oriebaris corruisti in terram qui vulnerabas gentes’. ‘Como caíste do céu, ó estrela d’alva, filha da aurora! Como foste atirada à terra, vencedora das nações’. (Is. 14:12)”.

A Bíblia anotada traz o seguinte: “Como caíste do Céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitava as nações!”. (Is. 14:12)

“Assim, fica constatado que o termo é latino, e lançado por São Jerônimo, quando da tradução da Vulgata, no século III da era cristã. É o homem, a seu bel prazer, alterando a Bíblia. Alguns tentam ligar esta passagem ao Apocalipse 8, 10 como sendo aí a queda de Lúcifer, mas a história de que seria o chefe dos anjos caídos, citados na II epístola de Pedro 2:4 e Judas 6, não tem fundamento comprovado no Antigo Testamento, como podemos observar”.

“O capítulo 14 de Isaías do versículo 3 ao 22 refere-se a queda e destruição do rei Nabucodonosor, da Babilônia. Foram os padres e teólogos da igreja católica que lançaram o versículo 14:12 como sendo referente a queda do príncipe dos demônios, LÚCIFER”.

“Uma vez mais nos deparamos com a questão das traduções, dos folclores e das crenças pesso-

ais!”. E tome alterações humanas na “palavra de Deus”.

E como ficam as mensagens de perdão, de salvação da humanidade pelo Pai? Dentre inúmeras mensagens bíblicas, citaremos apenas os seguintes exemplos:

(Mc 3: 28) “Tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias”;

(Lc 17: 21) “Eis que o reino do Céu está entre (ou dentro de) vós”;

(Isaias 43: 7) “Deus criou o homem para sua glória”;

(1ª Timóteo 2: 3-4) “Deus quer que todos se salvem e cheguem à verdade”;

(Oséias 6: 6) “Disse o Senhor: Eu quero Misericórdia, não o sacrifício”;

Vejam o capítulo anterior, das penas eternas.

VIII - A BÍBLIA É INFALÍVEL?

Queremos deixar claro, de início, que a Bíblia é um conjunto de bons livros, os quais, devem ser lidos e refletidos em suas mensagens. Eu leio as diferentes Bíblias que chegam ao meu alcance, conforme se verifica na bibliografia. Busco analisá-las, comparando-as e tirando minhas conclusões, de acordo com o meu grau evolutivo. Daí a razão maior deste trabalho. Por isso é que lanço aqui um S.O.S. a quem possa e queira, ainda que de acordo com seu ponto de vista, trazer-me os esclarecimentos necessários, em conformidade com as divergências, no nosso entendimento, aqui apresentadas.

Se a humanidade lesse a Bíblia e procurasse seguir seus ensinamentos, dentro das recomendações do apóstolo Paulo ao dizer: “conheceis de tudo e tirai proveito do melhor”, com toda certeza teríamos um Mundo, também melhor. Sua leitura, então, é recomendada. Só que os tempos mudaram e estamos mais esclarecidos. Não é qualquer imposição, sem o crivo da razão, que estamos aceitando. Portanto, bom senso nas leituras.

Se temos mais de uma versão bíblica, acreditar mais em qual delas?

Por que será que a Bíblia católica tem setenta e três livros; a protestante tem sessenta e seis e a hebraica, texto original, tem somente trinta e nove? Estão todas corretas?

Basicamente temos, na origem, três Bíblias diferentes:

A Bíblia judaica, ou o Velho Testamento, ou O Tanách, com 39 livros;

A Bíblia protestante com 66 livros;

A Bíblia católica com 73 livros.

Você lê a Bíblia, acredita nela, segue seus mandamentos e a defende como a “palavra de Deus”.

Qual, afinal, a Bíblia que você segue? Para você ela é a correta. Ótimo! E o que dizem os outros irmãos a respeito das outras Bíblias que eles adotam? Provavelmente o mesmo. Vejam outras diferentes Bíblias:

A Bíblia Sagrada. (Sociedade Bíblica do Brasil) Tradução de João Ferreira de Almeida;

A Bíblia de estudo pentecostal (Assembleia de Deus). Também traduzida por João F. de Almeida.

Tradução do novo mundo das Escrituras Sagradas (Testemunhas de Jeová);

A Bíblia de Jerusalém (traduzida por católicos e protestantes);

A Bíblia, tradução Ecumênica, traduzida por irmãos de várias crenças, inclusive do judaísmo. (É bom registrar que as leis do judaísmo têm 613 mandamentos).

Bíblia judaica com 39 livros (não contém o novo testamento).

O original bíblico foi escrito em hebraico, considerado pelos judeus como a língua sagrada, com a qual Deus criou o Mundo.

Vejam mais citações de outras Bíblias na bibliografia.

Vamos citar um mesmo fato, registrado em duas passagens diferentes nas Bíblias, e que o leitor (a) conclua a respeito.

(2º Samuel 24: 1) “Tornou-se a ira do Senhor a acender-se contra os Israelitas, e incitou a David contra eles, dizendo: vai, levanta o censo de Israel e de Judá.”;

(1ª Crônicas 21: 1) “Então satanás se levantou contra Israel, e incitou a David a levantar o censo de Israel e de Judá (21: 5)”.

Os fatos são os mesmos. Na primeira passagem é a ira do Senhor contra Israel. Na segunda, já é satanás. Isso pode levar a interpretação de algumas pessoas de que o Senhor (1ª citação) tenha virado satanás na segunda citação. É claro que Deus, o Senhor não é igual a satanás, que nem mesmo existe. (vide o zoroastrismo). E por que essa mudança nas Bíblias?

Vejam então alguns fatos que possam explicar o motivo divergente, mas que deixam marcas indeléveis na credibilidade das Bíblias como num todo.

Os livros de Samuel foram escritos no ano 622 a.C., antes da influência Persa. E foi do zoroastrismo, uma das mais antigas religiões, que os judeus passaram a acreditar na figura de um diabo pessoal que em hebraico chamaram de satanás (lenda). Por isso, seu aparecimento nas Bíblias só ocorre do livro de Jó 1: 6 em diante, após o exílio babilônico, do ano 538 a.C. para cá.

Imaginem se o escritor do Gênesis conhecesse as figuras de satanás ou do diabo. Será que seria mesmo a serpente a autora da tentação de Adão e Eva?

Já o livro de Crônicas foi escrito no início dos anos 300 a.C., portanto, sob a influência do zoroastrismo Persa.

E o que era o Senhor, no livro de Samuel, passa a ser satanás no livro de Crônicas. Deduz-se disso tudo que satanás não é um conceito de origem Bíblica.

“Os filhos não pagarão pelos pecados dos pais, nem os pais pelos pecados dos filhos” (Dt. 24:16); (Jer. 31:29- 30); (Ezeq. 18:20), o que é uma questão de justiça.

No entanto, foi escrito que “Deus visitará a iniquidade dos pais, nos filhos, até a terceira e quarta gerações” (Ex. 34:7; Num. 14:18; Deut. 5:9), no que consiste uma contradição bíblica, pois quem consultar o texto original da vulgata latina de São Jerônimo verá que mais uma alteração foi processada na Bíblia, pois onde constava “na terceira e na quarta geração”, como menciona Paulo Finotti em seu livro “ressurreição”, edit. Edigraf, 1972, pág. 45, passou a constar “até a terceira e quarta gerações”, o que muda em muito o seu significado.

E os desencontros continuam. Para quem afirma que a Bíblia é infalível, analise, do ponto de vista da razão, as seguintes passagens:

Deus fala para Arão e Miriam que se fazia conhecer-lhes em visão ou falava-lhes em sonho (Nm.12:6) e não é assim com o servo Moisés (Nm. 12:7) pois falo com ele boca a boca e não por enigmas, pois ele vê a forma do Senhor (Nm. 12:8);

(Ex. 33:18) Moisés disse: “rogo-te que me mostre a tua glória”;

(Ex. 33:20) “E acrescentou o Senhor: não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá”. Afinal, Moisés viu ou não viu a face do Senhor? A conclusão é do leitor. E por que será que Nadabe e Abiú (Ex. 24:9-11) morreram queimados (Levítico 10:1-2)? E de acordo com (Lv. 10:5), “suas roupas e seus corpos não foram queimados pelo fogo que os matou”.

(João, 1:17) “Porque a lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus”;

(João 1:18) “Ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou”;

(Ex. 24:9-11) “... Moisés, Arão, Nadabe, Abiú e setenta anciões de Israel viram a Deus”.

Diante das contradições dos textos acima, segundo meu pequeno entendimento, e salvo melhor juízo do leitor, fico com a mensagem de (João 1:18).

Concordando também que no atual estágio em que nos encontramos no momento, é impossível vermos a face de Deus. Estamos de acordo que vemos seus enviados, espíritos evolucionados, que trazem as mensagens divinas até nós. Até porque Deus é onipresente (está em todo lugar, a qualquer momento e não iria Ele prender-se a um atendimento pessoal, conforme determinados textos bíblicos nos insinuam). É a nossa humilde opinião.

Mateus 27, 32: Ao saírem, encontraram um cireneu, chamado Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz.

Marcos 15, 21: E obrigaram a Simão Cireneu, que passava, vindo do campo, a carregar-lhe a cruz.

Lucas 23, 26: E como o conduzissem, constringendo um cireneu, chamado Simão, que vinha do campo, puseram-lhe a cruz sobre os ombros, para que a levasse após Jesus.

João 19, 17: Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico.

Obs.: Mateus, Marcos e Lucas dizem que o cireneu, chamado Simão, foi obrigado a carregar a cruz de Jesus, enquanto que João diz que foi o próprio Jesus quem levou a cruz. Afinal, mais alguém, além de Jesus, carregou a cruz ou não?

Acreditar mais em qual Bíblia?

Por que será que a Bíblia católica tem setenta e três livros; a protestante tem sessenta e seis e a hebraica, texto original, tem somente trinta e nove? Estão todas corretas?

Basicamente temos, na origem, três Bíblias diferentes:

A Bíblia judaica, ou o Velho Testamento, ou O Tanách, com 39 livros;

A Bíblia protestante com 66 livros;

A Bíblia católica com 73 livros.

Você lê a Bíblia, acredita nela, segue seus mandamentos e a defende como a “palavra de Deus”.

Qual, afinal, a Bíblia que você segue? Para você ela é a correta. Ótimo! E o que dizem os outros irmãos a respeito das outras Bíblias que eles adotam? Provavelmente o mesmo.

A Bíblia Sagrada. (Sociedade Bíblica do Brasil) Tradução de João Ferreira de Almeida;

A Bíblia de estudo pentecostal (Assembleia de Deus). Traduzida por João F. de Almeida.

Tradução do novo mundo das Escrituras Sagradas (Testemunhas de Jeová);

A Bíblia de Jerusalém (traduzida por católicos e protestantes);

A Bíblia, tradução Ecumênica, traduzida por irmãos de várias crenças, inclusive do judaísmo. (É bom registrar que as leis do judaísmo têm 613 mandamentos).

Bíblia judaica com 39 livros (não contém o novo testamento).

O original bíblico foi escrito em hebraico, considerado pelos judeus como a língua sagrada, com a qual Deus criou o Mundo.

Vejam mais citações de outras Bíblias na bibliografia.

Sobre as alterações na Bíblia, assim se manifestou o notável teólogo H. BETESSON, em (“Documentos da Igreja Cristã”, pág. 28): “A autoridade da sagrada escritura não depende do testemunho de qualquer homem ou Igreja, mas totalmente de Deus, o seu autor (...). Nada nunca deve ser acrescentado, quer por novas revelações do espírito, quer por tradições de homens. A regra infalível da interpretação da escritura é a própria escritura”.

A esse respeito, vejamos as palavras do Cristo: “Ainda tenho muito a vos dizer, mas vós não podeis suportar agora (João 16:12). Mas o espírito de verdade vos guiará e fará lembrar de tudo que eu disse” (João 14:26).

Obs.: Nós acreditamos nas palavras de Jesus e respeitamos o pensamento do notável teólogo.

IX - A SEPTUAGINTA

No Século III a.C. importante colônia judaica vivia em Alexandria, no Egito, onde a língua predominante era a grega. Era necessário que o povo judeu possuísse a bíblia nesse idioma.

Ptolomeu Filadelfo II, Rei egípcio, tinha um bibliotecário (Demétrio Falário) que solicitou e recebeu do sumo sacerdote de Jerusalém, setenta e dois sábios, representantes das doze tribos de Israel, com a incumbência de traduzirem a Bíblia do idioma hebraico para o grego.

Durante a tradução, alguns livros foram acrescentados aos originais hebraicos, conforme segue: Livro de Daniel e Éster. (suplementos);

Livro de Judite;
Livros de Tobias;
I e II livros dos Macabeus;
Livro do Eclesiástico;
Livro de Baruc;
Carta de Jeremias.

A Igreja católica admitiu-os como inspirados. No entanto, na época da reforma religiosa, os protestantes recusaram tais livros por não fazerem parte da Bíblia original, a hebraica. Esse episódio nos dá a certeza de que os textos bíblicos atuais contam com diversas alterações, sempre de acordo com os interesses dos seus tradutores. Por isto que as Bíblias dos protestantes e dos católicos contam com uma diferença de sete livros.

X - A VULGATA DE JERÔNIMO

Vulgata (divulgada) é a denominação dada a tradução da Bíblia, do idioma grego para o Latim, realizada por Jerônimo.

Tudo começou no Séc. III d.C. com as divergentes interpretações a respeito dos Evangelhos e do próprio Cristo. O Mundo judaico vivia verdadeiro desencontro de opiniões, com as paixões, preconceitos e sanguinolentas perturbações no Império Romano. Foi então que o Imperador Teodósio, por influência do Bispo de Roma, confere supremacia ao papado.

A partir daí e para dirimir as dúvidas que causavam discórdias, resolveu-se unificar o velho e o novo testamento, formando assim, uma única Bíblia com o texto em Latim.

Na obra de Severino C. da Silva, citada acima, página 43, está transcrita a ordem que o Papa Dâmaso confere a São Jerônimo, em 384, a missão de redigir uma tradução latina do antigo e do novo testamento, do qual será transcrita aqui somente uma parte.

“A fim de pôr termo a essas divergências de opinião, no momento em que vários concílios acabam de discutir acerca da natureza de Jesus, uns admitindo, outros rejeitando a sua divindade, confio-lhe a missão de redigir uma tradução latina do Antigo e do Novo testamento. Essa tradução deverá ser, daí por diante, a única reputada ortodoxa e tornar-se-á a norma das doutrinas da Igreja”.

São Jerônimo sentiu o peso da responsabilidade e respondeu ao Papa demonstrando sua preocupação com as divergências existentes nos textos a serem traduzidos, já àquela época. Será transcrito aqui, somente um parágrafo da carta de São Jerônimo, exarado da página 43 da citada obra de Severino C. da Silva.

... “Qual, de fato, o sábio e mesmo o ignorante que, desde que tiver nas mãos um exemplar, depois de o haver percorrido apenas uma vez, vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se ponha imediatamente a clamar que eu sou um sacrilégio, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros”.

Na honestidade de São Jerônimo, fica muito claro seu testemunho de que ele alterou e adaptou a Bíblia que, antes de executar seu trabalho, já havia muitas divergências no que existia no idioma grego.

Feitas as traduções e adaptações, ainda que com a melhor das intenções, o assunto ganhou repercussão negativa. Tanto que no ano de 395, Santo Agostinho, bispo de Hipona, escreve a São Jerônimo, demonstrando sua preocupação com relação àquela tradução e atestando haver alteração no conteúdo bíblico. (na página 44 da obra citada encontra-se a íntegra da carta de Santo Agostinho).

Em 1590, Xisto V achou-a insuficiente e errônea, ordenando uma nova revisão. Esta nova versão foi também modificada por Clemente VIII, cuja edição serviu de base para as traduções existen-

tes em diferentes línguas, conforme Paulo Finotti em sua obra “ressurreição”, ed. edigraf, pág. 42.

Podemos identificar muitas outras alterações nas Bíblias atuais. Ex:
Do Salmo 10 ao 148, existe diferença numérica com o texto original. Algumas versões reúnem os salmos 9 e 10 em um só, também os salmos 114 e 115 formaram um só. Já os salmos 116 e 147, foram divididos em dois, cada um;

Na Bíblia judaica temos o II livro das crônicas como o último;
Na vulgata, o último livro do A. T. é o segundo livro dos Macabeus;
Nas Bíblias Ocidentais (católica e protestante), o último livro do A. T. é o livro de Malaquias. A tradução de João F. de Almeida foi muito controvertida e discutida porque apresentava vários erros. O próprio João F. de Almeida catalogou uma lista de dois mil erros. Muitos desses erros foram atribuídos à comissão holandesa que procurou harmonizar a tradução de Almeida com versão holandesa.

XI - A REENCARNAÇÃO

A doutrina das vidas sucessivas ou reencarnação é chamada também de palingenesia, que se origina do grego palin (novo) e gênese (nascimento). Ela também era aceita, estudada e difundida na Índia antiga, conforme se encontra no livro dos Vedas: "Da mesma forma que nos desfazemos de uma roupa usada para pegar uma nova, assim a alma se descarta de um corpo usado para se revestir de novo corpo."

Os estudiosos do assunto afirmam que o princípio da reencarnação já era conhecido e divulgado desde a antiguidade pelos hindus, na Ásia; pelos egípcios, na África; pelos Hebreus, no Oriente; pelos gregos e romanos na Europa e, pelos Druidas, na França, etc.

A doutrina da reencarnação foi introduzida na Grécia por Pitágoras. Sócrates e seu discípulo Platão adotaram as ideias de Pitágoras sobre as vidas sucessivas. A escola platônica da Alexandria ensinava a reencarnação precisando a vantagem desta evolução progressiva para as condições da alma.

“Toda a terra se converterá ao Senhor e todas as nações adorarão a sua face” (Salmos 22:27).
“Pense nisso! Não abdique de sua capacidade de raciocinar. A inteligência nos foi dada por Deus para ser usada. Observe o verbo está no futuro ‘se converterá’, ‘adorarão’. Coisas somente alcançáveis mediante a evolução do Espírito. E para que o Espírito evolua, a ponto de todas as nações virem a adorar a Deus, só por meio da reencarnação isto é possível. Ao dizer todas as nações, está claro que são todos os homens que as compõem”.

XII - A REENCARNAÇÃO E A IGREJA CATÓLICA

Há, na Antiguidade, outros adeptos da doutrina das vidas sucessivas, como Plotino, que a cita várias vezes no curso de suas Eneidas. É um dogma, disse ele, muito antigo e universalmente ensinado que, se a alma comete faltas, é condenada a expiá-las submetendo-se a punições, depois é admitida a voltar em um novo corpo para recomençar suas provas. Diz ele que "a providência de Deus assegura a cada um de nós a sorte que lhe convém e que é harmônica com seus antecedentes, segundo suas existências sucessivas."

Os judeus tinham uma ideia muito confusa a respeito da reencarnação, mas há indícios no Tal-

mude de que o assunto não era desconhecido dos iniciados: "A alma de Abel passou ao corpo de Set e mais tarde ao de Moisés". Além disso, acreditavam que o retorno de Elias sobre a Terra devia preceder ao grande dia do Messias.

Também alguns padres da Igreja Católica admitiram a teoria das vidas sucessivas. O Pe. Didon, em sua Vida de Jesus, diz o seguinte: "Então se crê, entre o povo (judeu) e mesmo nas escolas, no retorno à vida da alma dos mortos".

O sábio beneditino Dom Calmet se exprime assim em seu Comentário: "Vários doutores judeus creem que as almas de Adão, Abraão e Phinées animaram sucessivamente vários homens de sua nação."

Alguns teólogos da Igreja Católica também foram simpáticos à ideia. Ainda no século quinze, o cardeal Nicolas de Cusa sustentava em pleno Vaticano a teoria da pluralidade das existências da alma e dos mundos habitados. Contava com o apoio de dois papas: Eugênio IV e Nicolau V.

Por que, então, a Igreja combate tão veementemente a doutrina da reencarnação? Trata-se de um erro histórico.

Segundo o pesquisador Severino C. Silva, em sua obra "Analisando as traduções bíblicas", pág. 144 e 145, o Imperador Justiniano tomou como esposa uma ex-prostituta, de nome Teodora. Esta, na tentativa de libertar-se de seu passado, mandou matar as cerca de quinhentas antigas "colegas". Mais tarde, alertada de que havia criado para si um débito que poderia ser quitado em outras encarnações, ela se empenhou em eliminar da exegese católica toda a crença na reencarnação como se, dessa forma, estivesse eliminando, de fato, as vidas sucessivas e, por extensão, o seu débito.

Seu marido, então, mandou sequestrar o Papa Virgílio em Roma e o manteve prisioneiro durante oito anos. Nesse período, convocou o Segundo Concílio de Constantinopla em 553. Do total de 165 bispos presentes, 159 eram do Oriente, o que tornou fácil o trabalho do Imperador para conquistar os votos de que necessitava.

Todavia, de acordo com a doutrina católica, as decisões de um concílio ecumênico somente têm valor se assinadas pelo papa. E Virgílio recusou-se terminantemente a assinar o documento aprovado pelos bispos. Os Papas que o sucederam, embora se referissem ao Segundo Concílio de Constantinopla, também não o assinaram. Dessa forma, a Igreja Católica não dispõe de um documento oficial contra a reencarnação.

Hoje, as provas de reencarnações são, em geral, obtidas pela ciência, por meio da terapia de vidas passadas (TVP). O homem aprendeu que, pela hipnose, pode fazer a pessoa regredir mentalmente a vidas anteriores. Entre os pesquisadores que trabalham com a TVP estão: Dr. Morris Netherton, psiquiatra americano; Dr. Dehtlesfsen, catedrático de Psicologia da Universidade de Munique, Alemanha; Dra. Helen Wambach, psiquiatra americana e autora de "Recordando Vidas Passadas"; Dr. Roger Woolger, destacado psiquiatra americano, autor de "As Várias Vidas da Alma"; Dr. Ken Wilber, célebre psicológico americano, com grande influência na Psicologia Moderna, e autor de "O Espectro da Consciência"; Dr. Joel Whitton, catedrático de Psicologia da Universidade de Toronto, Canadá, e autor de "Vida - Transição - Vida".

Se a reencarnação é objeto de análise no mundo científico, o mesmo não acontece no mundo religioso ocidental, porque padres e pastores dizem que a Bíblia fala de céu e de inferno e que ambos seriam incompatíveis com a doutrina da reencarnação.

A razão indica que a doutrina reencarnacionista, aceita sempre pela igreja, é altamente consoladora porque, com ela, o homem compreende melhor que Deus é justo, misericordioso, e sempre se tem novas oportunidades para reparação dos erros cometidos...

XIII - REENCARNAÇÃO NA BÍBLIA

Se prestarmos muita atenção, com isenção de preconceitos, à seguinte pergunta feita pelos discí-

pulos à Jesus: “Mestre, quem pecou para que esse homem nascesse cego, ele ou seus pais?” (João 9: 2), veremos que está bem clara a ideia de vidas sucessivas, sem a qual a pergunta não teria sentido. Observe que o pecado veio antes do nascimento do cego. Mais ainda, se fosse algo errado, Jesus mesmo, naquele momento teria feito qualquer observação a respeito com um ensinamento apropriado. Logo, se Ele nada disse é porque a ideia das vidas sucessivas era natural à época.

Nas Bíblias antigas, inclusive na vulgata de São Jerônimo, está escrito: (Ex. 20: 5) “... visito a iniquidade dos pais nos filhos NA 3ª e NA 4ª geração...”.

Significa que o espírito faltoso, após duas, três ou quatro gerações está de volta à Terra (reencarnação) para que a justiça divina faça reparar tais faltas, tal como dizemos habitualmente: “ tudo que aqui se faz, aqui se paga”. Só não dizemos quando isso ocorre por falta de conhecimento da maioria de todos nós.

E mais uma vez, alteraram a Bíblia. Onde constava na 3ª e na 4ª geração, passou a constar: “ATÉ a 3ª e 4ª gerações”, conforme consta em (Ex. 34: 7), na Bíblia anotada, tradução de João F. de Almeida, 1ª ed., Edit. Mundo Cristão, 1994, dos nossos irmãos evangélicos. Fica patente mais uma vez que a Bíblia está recheada de alterações tendenciosas feitas pelo homem em diferentes épocas.

Para confirmar a ideia da justiça divina e das alterações feitas, conforme explicitadas acima, mostraremos somente algumas, dentre outras passagens bíblicas, enfatizando que cada um paga pelos seus erros praticados, não importa se nesta ou em outras vidas.

(Dt. 24:16) “ Os pais não serão mortos em lugar dos filhos e , nem os filhos em lugar dos pais: cada qual será morto pelo seu pecado”.

(Jó 8: 8 e 9) “Pergunta a gerações passadas, e examina a experiência de seus pais, pois somos de ontem e nada sabemos”.

(Jó 14: 14). “Morrendo um homem tornará a viver? Todos os dias da PRESENTE VIDA esperarei que chegue a minha mudança”.

(Jeremias 1 : 5). “Antes que te formasse no ventre materno, eu te conheci...”.

(Ezeq. 37: 9) “Vem dos quatro ventos, ó espírito e assopra sobre esses mortos, para que vivam”.

Obs.: dos quatro ventos é o mesmo que dos quatro quadrantes do Universo. Não se sabiam de onde vinha o espírito, mas já se sabia que havia de ter um espírito para que o corpo tivesse vida.

(Jeremias 31: 29-30) “... cada um, porem, será morto pela sua iniquidade...”;

(Ezequiel 18:4) “... a alma que pecar, essa morrerá”;

(Ezequiel 18:20) “A alma que pecar, essa morrerá: o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este”.

(Jó 34:11) “Pois retribuirá ao homem segundo suas obras, e faz que a cada um toque segundo seu o caminho”;

(Salmo 28:4) “Paga-lhe segundo suas obras, segundo a malícia de seus atos...”;

(Mt. 16: 13-17) Jesus interroga seus discípulos a respeito da opinião do povo e deles mesmos sobre quem achavam que ele era. E a resposta é que alguns dizem que sois João Batista, outros, que és Elias, outros ainda, que és Jeremias ou algum dos profetas. Fica bem claro, pela resposta, que eles acreditavam plenamente na reencarnação. Se assim não fosse, Jesus teria combatido aquela ideia.

(Isaias) “Mas ai do ímpio, do homem mau! Porque será tratado segundo suas obras”

(Isaias 26: 19) “Os teus mortos tornarão a viver,...); É praticamente a mesma ideia vista em (Daniel 12: 2) que diz: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão...”. Numa interpretação harmônica com a ciência, temos a volta dos mortos sobre a Terra, caracterizando a reencarnação”.

(Malaq. 4: 5) “Eis que vos enviarei o Profeta Elias, antes que venha o grande dia do Senhor”.; (3:23) em algumas bíblias.

(Mt. 11: 14) “Se puderes compreender, ele mesmo (J. Batista) é o Elias que havia de vir”;

(Mt. 17: 12 e 13). “Mas eu vos declaro que Elias já veio e não o reconheceram, antes lhe fizeram

tudo que quiseram”. “Então compreenderam que era de João Batista que ele falava”.

Obs.: É bom que se analise em conjunto e na sequência cronológica os dizeres de Malaquias e de Mateus para se notar que não há dúvidas de que o espírito de João Batista é o mesmo que encarnou como Elias em tempos passados.

Os judeus acreditavam tanto na reencarnação que enviaram sacerdotes e levitas para interrogarem e terem certeza se João Batista era mesmo o Elias de vidas passadas:

(João 1:21) “E lhe perguntaram: És tu Elias? Respondeu ele: não. És tu o profeta? Não”

É claro que a princípio nenhum de nós sabe quem fomos em vidas passadas, isso para facilitar o nosso convívio e resgate com aqueles que fizemos sofrer ou que foram nossos algozes, salvo o que a ciência vem demonstrando ultimamente pela TVP.

Vejam no A. T. em (Isaias 40: 3) “Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor; endireitai a vereda ao senhor”. E no N. T. em (João 1:23) “Eu sou a voz do que clama no deserto: endireitai o caminho do senhor, como disse o profeta Isaias”.

Temos aí João Batista respondendo aos Levitas e Sacerdotes e confirmando a previsão de Isaias muitos anos antes da vinda de Jesus, quando ele ainda vivia como Elias.

Como negar estas provas irrefutáveis? Entender, todos entendem, mas...

“Toda a terra se converterá ao Senhor e todas as nações adorarão a sua face” (Salmos 22:27).

“Pense nisso! Não abdique de sua capacidade de raciocinar. A inteligência nos foi dada por Deus para ser usada. Observe que o verbo está no futuro ‘se converterá’, ‘adorarão’. Coisas somente alcançáveis mediante a evolução do Espírito. E para que o Espírito evolua, a ponto de todas as nações virem a adorar a Deus, só por meio da reencarnação isto é possível. Ao dizer todas as nações, está claro que são todos os homens que as compõem”.

TUDO ISSO PROVA QUE:

O Profeta Malaquias previu a volta a outro corpo material do espírito de Elias;

Os discípulos e o povo julgavam que Jesus era a reencarnação de Elias, Jeremias ou outro Profeta.

Jesus deixou bem claro que João Batista é que era a reencarnação de Elias.

Jesus pergunta aos discípulos: “Quem dizem os homens quem eu sou?” E responderam: “Uns dizem ser João Batista, outros, que és Elias, Jeremias ou algum profeta. (Mt. 16:13 e 14).

“... Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (João 3:3);

“Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo” (João 3:7);

“Tu és mestre em Israel e ignoras estas cousas?” (João 3:10).

São trechos alusivos ao diálogo de Jesus com Nicodemos, quando este foi se ter com o Mestre na calada da noite para saber melhor como se processava o princípio do renascimento (reencarnação), visto que, por ser ele um Doutor do Sinédrio, tinha acesso aos mistérios contidos na cabala, dentre eles, o da imortalidade da alma, vidas sucessivas, etc.

Atente à diferença de tratamento (João 3:7): “dizer-TE” no singular e, “é-VOS” no plural. Deixando patente que o renascimento é para todos, não apenas para ele, Nicodemos.

Fica claro, pelos textos dos Evangelhos, que a ideia dos renascimentos era familiar aos Hebreus e Judeus, dentre outros povos. Porém era tida como mistério que somente “os iniciados” tinham conhecimento.

XIV - REENCARNAÇÃO NA HISTÓRIA

Jayme de Andrade, em sua importante obra intitulada “O espiritismo e as Igrejas Reformadas”, 1983, pág. 175, noticia que as noções de imortalidade da alma e de renascimentos reportam a 14 séculos a.C., na Índia, quando um sábio Bráhmene registrou tal assunto, pela primeira vez, no li-

vro “cânticos sagrados dos vedas”.

O “Código de Manu” é o mais antigo compêndio de Leis que se tem notícia. Ele inspirou o “Corpus Júris Civilis” de Justiniano. E no “Brahma-Sondra” III e I, §§ 4 e 6, consta que: “Os espíritos voltam a ocupar um novo corpo, trazendo consigo a influência resultante de suas primeiras obras”, conforme cita Mario Cavalcanti de Melo em sua excelente obra “Como os teólogos refutam”, pág. 38.

Leon Denis, em “Depois da morte”, pág. 37 nos mostra que Buda, que viveu também na Índia 600 anos antes de Cristo, ensinava que “... enquanto não adquire o amor, o ser está condenado a prosseguir na série de reencarnações terrestres”. Tal qual nos ensinou Jesus Cristo, conforme consta nos Evangelhos.

Como vemos nessas poucas citações, a ideia da reencarnação está e sempre esteve viva em muitos autores renomados, não espíritas. Inclusive na Bíblia ela está registrada de forma bem clara. É só se despir dos dogmas contrários para aceitar, pois entender, todos entendem.

XV - COMUNICAÇÃO ENTRE VIVOS E MORTOS

Para aqueles que dizem que a Bíblia condena a prática mediúnica, é bom que reflitam melhor sobre os procedimentos das Igrejas e Templos, que leiam a Bíblia com a inteligência dada por Deus, sem dogmas e preconceitos. Para uma melhor reflexão indicamos, a seguir, alguns registros:

(1ª Sam. 28: 3 a 25) “O Rei Saul procura uma médium (pitonisa) e fala por seu intermédio com o Rei Samuel, seu antecessor morto. O espírito de Samuel antecipa ao Rei Saul que este e toda sua família estariam com ele, no mundo espiritual, no dia seguinte. Assim aconteceu. Os filisteus venceram os israelitas, mataram seus familiares e cortaram o pescoço de Saul e queimaram seu corpo”;

(Isaias 8: 19) “... acaso o povo não pode consultar os seus deuses e seus mortos em favor dos vivos”?

(Jó 4: 15-16) Elifaz diz textualmente: “Um espírito passou diante de mim e fez-me arrepiar; parou ele, mas não o discerni; houve silêncio e ouvi sua voz”.

Será que o episódio da “transfiguração no monte Tabor” (Mt. 17: 1 a 8), tão claro, não constitui um exemplo nítido entre o mundo físico e o espiritual? Lá estavam a conversar os apóstolos João, Pedro e Tiago, além de Jesus (ainda vivos sobre a terra); Do plano espiritual vieram Moisés e Elias, além da voz do Senhor que veio de uma nuvem.

Se realmente fosse uma proibição Divina, ele mesmo, Moisés, não poderia aparecer juntamente com Elias a Jesus e seus discípulos Pedro, Tiago e João, no episódio acima citado.

Santo Agostinho, em sua obra intitulada “De Cura Pro Mortuis” afirma: “Os espíritos dos mortos podem ser mandados aos vivos, aos quais podem desvendar o futuro que ficaram conhecendo por outros espíritos ou pelos anjos, ou pela revelação divina”. Fonte: (História do Espiritismo, Artur Conan Doyle, Ed. Pensamento, pág. 453).

XVI – OUTRAS PROVAS DE MEDIUNIDADE NAS BÍBLIAS:

Dentre tantas citações contidas nas Bíblias, alusivas à mediunidade psicofônica (quando Deus, Jeová, Iahvé, Anjo, etc., fala com alguém por meio de uma pessoa), vamos citar, aqui, algumas passagens onde os textos bíblicos registram a palavra vidente, tal qual o assunto é tratado nos dias de hoje.

(1ª Sam 9: 9) “Antigamente, em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia: vinde, vamos ter

com o vidente; porque, ao profeta de hoje, antigamente se chamava vidente.”;

(Isaias 30: 10) “Eles dizem aos videntes: não tendes visões;...”;

(1ª Sam. 9: 18-19) “Saul pede a Samuel para mostrar-lhe a casa do vidente. Este responde-lhe que era ele o vidente.”;

(1ª Crônicas 9: 22) Samuel é confirmado como vidente;

(1ª Crônicas 29: 29) além de Samuel, Gade também é citado como vidente;

(2ª Sam. 24: 11 e 1ª Crôn. 21: 9) Gade é confirmado como vidente do Rei David;

(2ª Sam. 12: 27) o Rei David chama o sacerdote Sadoc de vidente;

(1ª Crôn. 25: 5) Hemã ou Hamon é citado como vidente do Rei David;

(2ª Crôn. 9: 29) nos mostra outro vidente: Ido ou Ado;

(2ª Crôn. 12: 15) Ido é novamente citado como o vidente que escreveu a história de Salomão e Roboão;

(2ª Crôn. 35: 15) temos outro vidente do Rei David. Seu nome é Jedutum, o vidente;

(Isaias 32: 3) “Os olhos dos que veem não se ofuscarão, e os ouvidos dos que ouvem, estarão atentos”. Aqui, Isaias se refere não só aos videntes (plural), mas também à mediunidade auditiva (psicofonia), muito comum hoje, como naquela época, ouvir vozes. Vide a história de Santa Joana D’arc.;

(2º Reis 17: 13) O senhor adverte Israel e Judá pela boca de seus profetas e videntes.

O Profeta Joel viveu até o ano 750 a.C. e escreveu no seu livro, Cap. 3: 1-5 ou 2: 28 em outras Bíblias sobre a previsão dos dons proféticos, dizendo: “Depois disto derramarei o meu espírito sobre toda a carne: vossos filhos e filhas profetizarão e vossos jovens terão visões,...”. Essa visão do profeta Joel deixa bem claro o que se vê hoje e que Moisés já desejara há muito tempo ao dizer para Josué, quando este veio pedir-lhe que proibisse a Eldad e Medade que profetizassem (Num. 11: 27-29). “Quem dera todo povo de Deus fosse profeta”.

Para provar a verdade do desejo de Moisés e as previsões de Joel, Jesus promete o envio de outro Consolador, o espírito da verdade, conforme se vê em (João 14: 16).

(João 16: 12-13) “... mas o espírito da verdade viria nos ensinar e fazer-nos lembrar o que Ele havia dito, porque não falará por si mesmo.”.

XVII - A BÍBLIA CONDENA O ESPIRITISMO?

No seu original em hebraico, não.

Na versão grega ou septuaginta, também não.

Na versão em Latim ou vulgata, também não.

Depreende-se, com isto, que durante suas várias traduções, os textos foram mudados, sempre de acordo com a tendência e interesses de seus tradutores.

Severino C. da Silva, Doutor em educação, escritor, etc., afirma, em sua obra intitulada ANÁLISE DAS TRADUÇÕES BÍBLICAS, 2ª ed. 2000, página 13, que pertence a uma família católica e que durante vinte e sete (27) anos esteve ligado ao catolicismo. Seu profundo conhecimento dos idiomas Grego e Latino levou-o a pesquisar sobre o tema religião, culminando com a publicação de suas pesquisas na obra acima explicitada.

Outro autor renomado é o eminente escritor JAYME ANDRADE. Profundo conhecedor da Bíblia, foi criado no seio da igreja evangélica, estudou em escolas protestantes e publicou o livro intitulado O ESPIRITISMO E AS IGREJAS REFORMADAS, com suas pesquisas e comparações direcionadas, segundo ele, aos irmãos evangélicos mostrando as razões que o levaram a convicções plenas das respostas convincentes encontradas na literatura espírita.

A Bíblia de Jerusalém, Edições Paulinas, considerada a melhor edição das Sagradas Escrituras

em português, traz, em sua apresentação, a informação de que sua tradução foi realizada por uma equipe de católicos e protestantes. No entanto, em Dt. 18:11 consta a proibição de interrogação dos espíritos (mortos). Segundo o autor, tal proibição não se verifica nos textos originais. E o que acha o leitor?

XVIII - A BÍBLIA NÃO CONDENA O ESPIRITISMO

Há imensa confusão por parte de muitos dos nossos irmãos que não conhecem bem o que é o Espiritismo. O mais grave é que muitos julgam sem o devido conhecimento de causa. Se ao menos entendessem que nem todo espiritualista é espírita, já teríamos um avanço para um melhor entendimento do assunto em pauta.

Nós, espíritas, não temos preconceitos religiosos, só não entendemos o porquê de pessoas que se dizem cristãs, condenarem seus semelhantes, irmãos, só porque não comungam com todo o seu pensamento. E como fica o ensinamento de Jesus sobre o “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo?”;

(Mt. 18: 20) “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei com eles”.

Vejam os irmãos que esses dois ou três, no nosso humilde entendimento, podem ser quaisquer que se disponham a estudar, conversar sobre Jesus, aceitar e seguir seus ensinamentos. E é isso que a Doutrina Espírita nos propõe.

Das Bíblias consultadas a mais contundente nas proibições é a dos nossos irmãos Testemunhas de Jeová, 35ª edição, realizada pelo centro bíblico católico, Ed. Ave Maria. Nessa Bíblia, em (Levítico 19:31) consta: “Não vos dirijais aos espíritas, nem aos adivinhos: não os consulteis, para que não sejais contaminados por eles”.

Queremos informar que nos textos originais não constam os termos “espíritas, espiritismo, etc.”, até mesmo por inexistirem à época em que a Bíblia foi escrita. Também em outras edições das Bíblias, mesmo atuais, encontra-se o seguinte texto: “Não vos voltareis para os necromantes, nem para os adivinhos, para não vos contaminarem, eu sou vosso Deus”.

Como no espiritismo não existe a figura de necromantes, de cartomantes, adivinhos, etc., muito embora respeitamos nossos irmãos que as praticam, o que se nota é a falta de melhores conhecimentos por parte daqueles que condenam os estudos e as práticas espíritas.

Analisemos agora (Dt. 18: 9–11), os mais citados por todos os críticos do espiritismo:

Na 35ª edição da Bíblia citada anteriormente está escrito: (“... nem quem se dê a adivinhações, à astrologia, aos agouros, ao feiticeiro, à magia, ao espiritismo, ou à evocação dos mortos”).

Em outra Bíblia, dos irmãos testemunhas de Jeová, está assim escrito: (“... nem adivinhos, magia, feiticeiro, médium espírita, prognosticador ou consultar os mortos”).

A tradução desprovida de preconceito é a seguinte: “... nem adivinhador, feiticeiros, agoureiro, cartomantes, bruxo, mago, nem quem exija a presença dos mortos”.

Vale lembrar que Moisés conduzia um povo rude, saído de um regime de escravidão no Egito, onde toda essa prática proibida era praticada. Sua preocupação era de abolir o politeísmo, a idolatria, o uso indevido de tais práticas, etc.

Atentemos para o fato de que Moisés proibiu a exigência da presença dos mortos, totalmente de acordo com as recomendações e práticas espíritas de hoje. (Livro dos Médiuns, Cap. XXV. Questões 273 a 275).

“Um espírito repousou sobre Eldade e Medade e eles profetizavam. Então Josué, filho de Num, foi se ter com Moisés e pediu-lhe que os proibissem. Este o respondeu: tens ciúmes por mim? Quem dera todo o povo fosse profeta”. (Números 11: 26-30).

Afinal, Moisés proibia ou não a mediunidade? A conclusão é do leitor.

Como Moisés poderia condenar o espiritismo, surgido oficialmente somente em 18.04.1857, se foi por volta de dois mil anos antes de Cristo, segundo os pesquisadores, que lhe é atribuída a autoria dos cinco primeiros livros contidos na Bíblia?

Mais ainda, nos dicionários das línguas hebraica, grega e latina não existem a palavra espiritismo. E como foi aparecer nas proibições das Bíblias de edições mais recentes?

Severino C. da Silva, em suas pesquisas e excelente obra “analisando as traduções bíblicas”, pág. 82 e 83, cita as declarações do eminente Pastor Nehemias Marien, teólogo renomado e profundo conhecedor das escrituras, na parte que diz: “a doutrina Espírita é essencialmente cristã e sempre integrou a doutrina da Igreja até que no concílio de Constantinopla, em 553, foi retirado precipitadamente.”. O grande reformista Martinho Lutero, disse, durante a “Dieta de Worms”, na Alemanha, que “os concílios erram e torpedeiam a liberdade de consciência”.

Quanto à proibição de se exigir a presença dos mortos, justifica-se porque era frequente e sem finalidades elevadas. Mas uma coisa é certa: existia e continua a existir a comunicação entre vivos e mortos, do contrário não se iria proibir algo inexistente. Vejam outras contradições:

(1ª Sam. 28:7-19) onde o Rei Saul, que proibia essa prática, vai consultar a Pitonisa de Endor (médium), disfarçado de pessoa simples do povo, a fim de falar com o Rei Samuel, já morto. A Pitonisa o identifica mediunicamente, (desmascara-o) e atende seu pedido.

Mais ainda, se são os espíritos que se comunicam, logo, não são demônios. Aliás, Moisés não cita nem uma vez em seus escritos a palavra demônio.

Nos dez mandamentos, considerados por todos como a lei divina, trazida por Moisés, nada consta proibindo o espiritismo. Depreende-se disso que o grande profeta buscou corrigir o abuso de um povo específico e em determinado tempo.

No livro “O Céu e o Inferno, cap. XI, item 10”, Allan Kardec nos ensina que quando os espíritos querem a comunicação, eles vêm espontaneamente, sem mesmo serem chamados.

Queremos recomendar àqueles que não aceitam a ideia da comunicação entre vivos e mortos, que reflitam sobre o evangelho de (Mateus 17:1-8) quando da transfiguração no Monte Tabor, onde estavam vivos Tiago, Pedro, João e Jesus que falava com Moisés e Elias, ambos já mortos. E como explicar e justificar que era proibido falar com os mortos se Jesus veio provar, na prática, falando com dois mortos e tendo três pessoas vivas para servirem como testemunha?

Paulo, em sua primeira carta aos coríntios, Cap. 12:4-11, diz que há vários dons, mas que o espírito é o mesmo;

O apóstolo João, em sua primeira carta, cap. 4: 1-3, nos alerta sobre as comunicações dos espíritos impostores;

Paulo, em sua primeira carta aos tessalonicenses, cap. 5:19 - 21, diz: “não extingais os espíritos; não desprezeis as profecias; discernir tudo e ficai com o melhor”.

Que Deus, Pai de infinita bondade, perdoe nossos irmãos que ignoram ou que não aceitam tais coisas. Sabemos, Senhor, que o egoísmo e o orgulho impedem a busca de novos conhecimentos e de certas práticas que impulsionam a nossa evolução espiritual. Mesmo sabendo que o conhecimento vem no seu devido tempo, tal como afirmou o Mestre Jesus, rogamos ó Pai que esses irmãos possam alcançar o quanto antes a luz do conhecimento e por meio dela, possam conhecer melhor o significado do que é a humildade e a simplicidade tão ensinada e recomendada pelo Mestre Jesus.

XIX - REVISÕES DA BÍBLIA

Revisar significar rever, corrigir erros, etc. Se a Bíblia é confiável, é porque está correta, sem er-

ros, etc. Mas se tudo isto é verdade, por que revisar, corrigir, alterar algo que está certo, que inspira confiança em seus fiéis?

Confira algumas alterações:

1945: A Sociedade Bíblica do Brasil nomeou uma comissão para revisar a Bíblia;

1967: Revisão da tradução de João Ferreira de Almeida;

1995: Revisão e correção da Bíblia Pentecostal.

Fica patente que através dos tempos, a Bíblia utilizada por todos nós, sofre alterações pela vontade e iniciativa de pessoas que querem colocar sua convicção, às vezes errada, para incutir na cabeças de inocentes criaturas que é a vontade de Deus e que devemos aceitar sem buscar a razão. Isto nos faz repensar até que ponto se deve confiar em tudo que nela está escrito e defendê-la com a autoridade de um fiel seguidor da “palavra de Deus”.

XX - ADÃO, EVA, CAIM, ABEL,...

Aos irmãos de outros credos religiosos que souberem e se dispuserem a explicar-me as passagens bíblicas seguintes ficarei grato, pois não tive o entendimento para aceitar como coerentes os fatos narrados a seguir.

A Bíblia nos diz que “Deus formou o homem do pó da terra” (Gn. 2:7). E disse o Senhor: “Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”. (GN. 2:18) e, Deus retirou uma das suas costelas (Gn. 2:21) “e transformou-a numa mulher e a trouxe para Adão (Gn. 2:22). E naturalmente ao se coabitarem, tiveram dois filhos: Caim, que foi lavrador, e Abel, que foi pastor de ovelhas. (Gn. 4:1-2). Ocorreu que ambos fizeram ofertas do que possuíam ao Senhor. Mas o Senhor agradou-se mais de Abel e de sua oferta, o que provocou ciúmes e ira em Caim, levando-o a matar seu irmão Abel (Gn. 4:8)”.

Os fatos, até o presente momento, são aceitáveis, porém, como explicar que “Caim tenha coabitado com sua mulher e esta tenha dado à luz a um filho que foi chamado de Enoque, e ainda: Caim edificou uma cidade” (Gn. 4:17).

A pergunta é: De onde surgiu essa mulher, se na Bíblia, até aquele momento, só havia uma única mulher, originada da costela do único homem, os quais eram seus legítimos pais biológicos? Após matar seu irmão, Caim sai a edificar uma cidade. Com quem? Para quem? Teria a Bíblia omitido a existência de outros povos?

Aos cento e trinta anos de idade Adão e Eva tiveram o terceiro filho, o qual foi dado o nome de Sete. (Gn. 4:25 e 5:3). (Não vamos questionar o fato de uma mulher dar à luz aos 130 anos de idade, pois a vida continuou e após seus cento e trinta anos, ainda tiveram outros filhos e filhas. (Gn. 5:4), vindo a falecer aos 930 anos de idade. (Gn. 5:5). É com você, leitor, a reflexão sobre esses fatos narrados na Gênesis).

Matéria: Padre François Brune e Clóvis Nunes

Título: Linha direta com o Além é pesquisada

Olho: Um padre francês e um escritor brasileiro falam da comunicação com os mortos através de rádio, TV e computador.

O padre François Charles Antoine Brune, um francês bacharel em latim, grego e filosofia, dispara: “O escandaloso é o silêncio, o desdém, até mesmo a censura exercida pela Ciência e pela Igreja a respeito da descoberta incontestemente mais extraordinária de nosso tempo: o após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos”. Autor dos livros “Os Mortos nos Falam” e “Linha Direta do Além”, o padre François Brune esteve em Londrina para participar do debate promovido pelo NEU, onde afirmou que os mortos se comunicam através de instrumentos, como televisores e gravadores.

Ele conta que já chegou a receber mensagem diretamente dos espíritos durante algumas reuniões. Numa ocasião, em Luxemburgo, recebeu uma comunicação de Konstantino Raudive, o segundo homem a gravar vozes de espíritos. A mensagem dizia que a infelicidade é que hoje em dia as pessoas tem medo da morte (...). A morte resulta em uma eternidade radiosa, uma liberação que põe termo às vossas tragédias. A morte é uma outra vida. "Não existe chance de fraude nas gravações" Autor do livro "Da Mediunidade à Transcomunicação Instrumental", o pesquisador da Bahia, Clóvis de Souza Nunes, um técnico em edificações e que também proferiu palestras na Universidade Estadual de Londrina junto com o padre François Brune. Ele afirma: "As vozes do Além não são chocantes, são esclarecedoras, consoladoras". Segundo ele, algumas vozes são iguais as das pessoas humanas e outras não. "Há vozes que são reconhecidas exatamente com o mesmo timbre, com a mesma característica"- diz. O escritor baiano conta que as pesquisas com gravações de vozes do Além são controladas pela comunidade científica há mais de trinta anos. Clóvis de Souza Nunes garante: "Não existe a mínima possibilidade das gravações de vozes e imagens serem fraudadas".

O computador não poderia estar de fora das experiências que visam a comunicação entre vivos e mortos, "substituindo" os médiuns que durante milênios foram os instrumentos dessas tentativas de saber como é o mundo após a morte e o que acontece com as pessoas que deixam essa vida. No Brasil, segundo Clóvis, os espíritos começaram a manifestar-se através do computador mais recentemente. Em seu livro Transcomunicação - comunicações tecnológicas com o mundo dos mortos, ele conta que em junho de 1986 recebeu uma visita muito interessante: uma viúva, acompanhada de um filho e uma filha, estiveram na sede do Instituto de Pesquisas Psicobiofísicas, em São Paulo, apresentando gravações de vozes captadas por microcomputador.

As vozes, segundo o relato da família, começaram a ser captadas em 1985: o rapaz, filho da viúva, certa noite estava fazendo um programa para seu microcomputador, mas quando o colocou em operação verificou que a tela nada mostrava além de uma confusão de sinais. Quando acionou a fita em um gravador comum, ouviu a voz de seu pai, falecido um ano antes, enviando uma mensagem de Natal à família. Era o dia 9 de dezembro. Depois disso, segundo ele, os contatos entre o espírito e seus familiares passaram a ser regulares.

Umbanda Versus Espiritismo

Estudo de SBG

Diz-se, com frequência, que Umbanda e Espiritismo são a mesma coisa, com uma ou outra variante. Os que assim pensam não refletiram o suficiente sobre os fundamentos de cada doutrina.

Uma análise mais acurada nos mostrará que há, entre essas duas correntes espiritualistas, pontos concordantes e discordantes.

Vejamos as opiniões concordantes:

A Umbanda é espiritualista; o Espiritismo também o é.

A Umbanda rende culto a Deus; o Espiritismo também.

Nas práticas de Umbanda ocorrem fenômenos mediúnicos; no Espiritismo também.

A Umbanda aceita a reencarnação; o Espiritismo também.

Na Umbanda se faz caridade; no Espiritismo também.

Vejamos os pontos discordantes:

O Espiritismo NÃO tem culto material; a Umbanda TEM.

O Espiritismo NÃO prescreve qualquer forma de paramento nem comporta o formalismo de funções sacerdotais; a Umbanda TEM "pais" de terreiro com vestimenta e prerrogativas equivalentes ao exercício de funções sacerdotais.

O Espiritismo NÃO admite uso de imagens e nem permite o emprego de sacrifícios; a Umbanda TEM imagens e altares e sacrifica animais.

O Espiritismo NÃO têm sinais cabalísticos nem símbolos; a Umbanda TEM sinais, "pontos riscados" etc.

O ESPIRITISMO REGE-SE POR UM CORPO DE DOCTRINA HOMOGÊNEA, CODIFICADA POR ALLAN KARDEC; A UMBANDA NÃO SE REGE PELA DOCTRINA CODIFICADA POR ALLAN KARDEC.

O professor J. H. Pires, no capítulo VI - O Mediunismo - de seu livro Mediunidade trata a Umbanda como uma forma de mediunismo.

A sua explicação baseia-se na noção de que mediunismo - definição dada pelo Espírito Emmanuel - designa as formas primitivas de Mediunidade.

Assim, ele discorre sobre a construção racional da Mediunidade através dos ensinamentos de Allan Kardec. A Umbanda, sendo apenas a prática do fenômeno mediúnicos, não consegue abarcar o grau de positividade alcançado pela Doutrina dos Espíritos. Esta é a grande diferença.

Fonte:

AMORIM, Deolindo. O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas, publicado pelo C. E. Léon Denis.

PIRES, José Herculano. Mediunidade: Vida e Comunicação, publicado pela Edicel.

As perguntas mais frequentes sobre ESTUDANDO A BÍBLIA. (resumo)

– O que é a Bíblia?

É o conjunto dos livros que compõe o Velho e o Novo Testamentos.;

– Pode haver contradições bíblicas?

De acordo com os textos seguintes, sim.

a – Considerando que Deus é de infinita sabedoria e que suas obras são perfeitas, como pode, Ele, arrepender-se do que fez?;

b – O 5º mandamento diz: “Não matarás”. No entanto, manda matar os amigos, vizinhos e todo aquele que tiver fôlego.

– Jesus e Deus são uma só pessoa?

Não. Esta questão foi rejeitada por três concílios consecutivos. No entanto, foi aprovada no concílio de Nicéia em 325 d.C. Talvez, para a época, se justificasse atribuir a Jesus a divindade do Pai. Hoje porém o homem está mais esclarecido e só aceita certas coisas se estiverem coerentes com a razão e a lógica.

– Como provar que Jesus não é Deus?

Nas páginas acima constam várias citações bíblicas em que Jesus se coloca na condição de filho de Deus. Ex.:

A – “... ninguém vai ao Pai, senão por mim”;

B – “Tudo que o Pai me dá,...”;

C – “... O Pai é maior que Eu...”.

– Existem penas eternas?

Entendemos que não. Vejam as citações bíblicas:

A – “Deus quer que todos os homens se salvem...” (1ª Timóteo 2:3-4);

B – “Toda Terra se converterá ao Senhor...”;

C – “Não quero a morte do ímpio, mas que ele se converta e viva” (Ezq. 33:11);

D – “Não é da vontade do Pai que nenhum desses pequeninos se percam” (Mt 18:14).

– E o inferno, existe?

Antigamente, com o objetivo de se fazer com que as pessoas não errassem tanto (pecassem), amedrontavam-nas com ameaças das penas eternas no fogo do inferno. Não existe inferno.

– E o que dizer então de satanás, demônio, diabo, etc.?

A – Para os cristãos antigos não existia essa figura de satã ou satanás. É sabido que os judeus saíram do exílio babilônico por volta do ano 538 a.C.. Trouxeram de lá muitos costumes. E foi do zoroastrismo, religião dos persas, que trouxeram a ideia de satã. É bom frisar que a primeira citação de satanás na Bíblia está no livro de Jó 1:6 e nos livros escritos após o ano de 538 a.C.. Satanás, não é, então, um conceito bíblico. Não existe...

B – Do Grego, “daimon” significa inteligência, gênio, etc.. Modernamente lhe é dado o significado de espírito do mal. Não é o mesmo que satanás. Espíritos perversos existem e muitos. Vale lembrar que segundo os evangelhos, Jesus expulsou “demônios” (espíritos maus) e nunca satanás, pois este não existe.

C – A figura de Lúcifer foi incluída na Bíblia por São Jerônimo, (Isaias 14:12), quando da Vulgata. Vejam (Isaias 14:3-22) que o tema versa sobre o Rei babilônico Nabucodonosor.

– A Bíblia é falível (contém falhas)?

Não diria somente a Bíblia, mas as Bíblias. Elas contêm vários textos contraditórios e muitas alterações procedidas por seus tradutores, tudo de acordo com suas convicções. Isto nos leva a crer que ela é falível sim. Repito: A Bíblia deve ser lida, mas com cuidado para não aceitar tudo que outras pessoas querem que acreditemos sem buscar a razão e a coerências. Cuidado com o fanatismo! Basta usar o bom senso e buscar melhor esclarecimento à luz da razão. Por exemplo: comparem as seguintes citações:

A – (2ª Sam. 24:1) com (1ª Crônicas 21:1);

B – (Dt. 24:16) com (Num. 14:18) e (Jeremias 31:29-30) com (Dt. 5:9).

– Pode citar algum exemplo de alteração da Bíblia?

a – Na tradução do hebraico para o grego foram acrescentados sete livros;

b – Na tradução do grego para o latim, São Jerônimo mandou uma carta ao Papa dando conta de que iria acrescentar, substituir, suprimir e corrigir textos, etc.;

c - Revisões e correções de 1945, 1967 e 1995.

– Em que língua foi escrita a primeira Bíblia?

Na língua hebraica.

– Quais as traduções seguintes?

a – Septuaginta (do hebraico para o grego);

b – Vulgata (do grego para o latim); e:

c – Do latim para outros idiomas.

– Os espíritas acreditam na reencarnação. Este tema é também recente?

Não é recente. Reencarnação, vidas sucessivas, palingenesia, etc., é assunto bem antigo. Desde muito antes de Cristo que o assunto é estudado, aceito e divulgado na Índia antiga, com o livro dos vedas, na Ásia; pelos egípcios, na África; pelos hebreus, no Oriente; pelos gregos e romanos na Europa e pelos druidas, na França. (pág. 17).

– Mas a igreja católica é contra a reencarnação.

Diria que parte dos católicos apenas, não todos. Mesmo assim, nos dias atuais, pois até o segundo concílio de Constantinopla, em 553 d.C., a igreja católica aceitava e divulgava para seus fiéis esse princípio. Por problemas puramente políticos foi retirado do cânone religioso. Mas nem o Papa da época, Virgílio, nem outras autoridades religiosas quaisquer assinaram o documento re-

provando a reencarnação. E olhe que o Papa Virgílio ficou preso em Roma durante oito anos. Na sequência serão citados alguns nomes de ilustres dirigentes religiosos sensatos que assumiram a responsabilidade de trazer a verdade até seus fiéis:

A – Plotino, em sua obra “Eneidas”;

B – Os judeus, no livro “O Talmude” (indícios);

C – Padre Dindon, na obra “Vida de Jesus”;

D – O sábio beneditino D. Calmet, na obra “comentários”;

E – O Cardeal Nichollas de Cusa em seu trabalho “Teoria da pluralidade das existências das almas”;

Obs.: Os Papas Eugênio IV e Nicolau V apoiaram o Cardeal Nichollas e suas ideias.

– Mas na Bíblia não consta nada sobre a reencarnação.

Consta sim. Às páginas anteriores do presente trabalho indicam outras citações, a exemplo das seguintes:

A – (João 9:2) “Quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais?”

Obs.: Como pode alguém pecar antes de nascer se não for em outra vida?

B – (Jó 8:8-9) “Pergunta à gerações passadas, examina a experiência dos pais, somos de ontem e nada sabemos”

C – (Jó 14:14) “Morrendo um homem, tornará a viver?...”

D – (Mt 16:13-17) Algumas pessoas achavam que Jesus era João Batista, outros, que era Elias, Jeremias, ou algum dos profetas. Fica bem claro que acreditavam nas vidas sucessivas (reencarnação). Caso contrário não diriam que uma pessoa já morta fazia tempo, estivesse viva em carne e osso naquele momento;

E - (Isaias 26:19) “Os teus mortos tornarão a viver...”

F – (João 3:3) “... se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”;

G – (João 3:7) “Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo”.

– Como acreditar na prática mediúnica, ou seja, na comunicação entre vivos e mortos se a igreja e a Bíblia condenam essa prática?

Alguns membros das igrejas podem até não aceitar, mas por falta de orientação correta ou de compromisso com a verdade. Quanto à Bíblia, pode haver algum paradoxo por causa de algumas alterações tendenciosas de algumas pessoas. A Bíblia não proíbe a prática mediúnica ou prática espírita, muito pelo contrário, cita várias passagens, tais como as amostras seguintes, pois a Bíblia está recheada de citações mediúnicas. Ex.:

A – (1ª Sam. 28:3-25) O Rei Samuel consulta uma médium e fala com o espírito de um morto;

B – (Isaias 8:19) “...acaso o povo não pode consultar seus deuses e seus mortos em favor dos vivos?”;

C – (1ª Sam. 9:9) Versa sobre a consulta ao vidente...;

D – (Isaias 30:10) Eles dizem aos videntes...;

E – (1ª Crônicas 29:29) Samuel e Gade são citados como videntes.

– E por que dizem que a Bíblia condena o espiritismo?

A Bíblia não condena o espiritismo. Alguns religiosos é que tentam omitir a verdade a seus fiéis. Vejam por exemplo:

A – No seu original, não condena;

B – Na versão grega, também não;

C – No texto latino, idem.

Na Bíblia de Jerusalém, edição paulinas, na tradução para a língua portuguesa colocaram em Deuterônimo 18:11, a proibição de se interrogar os mortos.

Allan Kardec, por volta de 1854 já combatia a consulta indevida aos mortos, tal qual fez Moisés (Livro dos médiuns Cap. 25, questões 273 a 275).

A 35ª edição da Bíblia dos irmãos Testemunhas de Jeová, editora Ave Maria, consta, em Levítico 19:31 “Não vos dirijais aos espíritas,...”

(Mt 18:20) “Onde estiver dois ou mais reunidos em meu nome, ali estarei.”. Obs.: Jesus exclui alguém com estas palavras?

Com as citações seguintes tiraremos possíveis dúvidas se é a Bíblia ou o homem que tenta combater a doutrina espírita, por falta de conhecimento ou por outro motivo qualquer.

(Nm. 11:26-30) “...quem dera todo mundo fosse profeta” (médium);

(1ª Sam. 28:3-19) O Rei Saul consulta uma médium e fala com o espírito de um morto.;

(Mt 17:1-8) Jesus reúne Pedro, João e Tiago e sobe ao monte Tabor onde conversa com os espíritos de Elias e de Moisés.; (Será que Moisés proibiu falar com os mortos, etc.?)

(1ª carta de Paulo aos coríntios 12:4-11) diz que há vários dons, mas que o espírito é o mesmo.;

(1ª aos Tessalonicenses 5:19-21) “Não extingais os espíritos, discerni tudo e ficai com o melhor”.;

(João, na sua 1ª carta, 4:1-3) nos alerta sobre a comunicação dos espíritos impostores. A mesma orientação de Allan Kardec.

Diante de algumas citações acima, pode-se afirmar que a Bíblias condena o espiritismo?

Obs.:

Estas foram as perguntas que mais me foram direcionadas por conta da presente pesquisa. Por favor, qualquer sugestão com o intuito de sanar possíveis equívocos, será bem aceita.

BIBLIOGRAFIA

Da Bíblia aos nossos dias

Autor: Mário Cavalcanti de Melo, Editora: L.F.E. do Paraná, Curitiba – Paraná – 1954.

Analisando as Traduções Bíblicas

Autor: Severino Celestino da Silva, 2ª Edição, João Pessoa, 2000, Edit. Persona Ltda.

Visão Espírita da Bíblia.

Autor: José Herculano Pires; Editora: Correio Fraternal do ABC, S. B. Campo, São Paulo, 3ª edição, 1991.

O Espiritismo e as Igrejas Reformadas.

Autor: Jayme de Andrade. 2ª edição, Salvador, 1977, Editora SEDA.

O Evangelho Pede Licença, São Paulo, 1990, 2ª edição, Edit.: FEESP.

Bíblia Anotada

The Ryrie Study Bible/Texto bíblico: Versão Almeida, Revista e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; Tradução de Carlos Oswaldo Cardoso Pinto, São Paulo: Mundo Cristão -, 1994;

Bíblia Sagrada, Edições Paulinas, São Paulo, 37a. Edição, 1980;

Bíblia Sagrada, Editora Vozes, Petrópolis, 1989, 8a. Edição;

Bíblia Sagrada, Editora Ave Maria, São Paulo, 1989, 68a. Edição;

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, Sociedade Bíblia Católica Internacional e Paulus, 14a. Imprensa, 1995;

WWW.ESPÍRITO.COM.BR

Obs.: Qualquer sugestão e/ou correção que venha melhorar o presente conteúdo, será sempre bem aceito, mesmo porque o assunto ainda não foi dado como concluído.

FIM